

Narrativas além-mar: o mestre suíço Pierre Furter na percepção dos ex-alunos brasileiros Moacir Gadotti e Peri Mesquida

Érica Beatriz Teixeira¹

Esta é uma produção jornalística para duas publicações científicas. Construída durante a primavera, no Hemisfério Sul. Concluída pouco após 07 de dezembro de 2021, data em que Pierre Furter completaria 90 primaveras, no Hemisfério Norte. Primaveras passadas que nos deixam o presente das sementes férteis do pensamento do mestre suíço. Que suas ideias sigam adubadas por gente que acredita e trabalha pela educação humanizadora e transformadora e inspirando o florescimento de novas reflexões, críticas e conexões entre teoria e prática. Em todas as estações do ano, nos dois hemisférios.

Que grata surpresa saber que você pretende relembrar Pierre Furter, um suíço-brasileiro-venezuelano. Eis a frase inaugural do doutor em Ciências da Educação Peri Mesquida e professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em resposta ao convite para a entrevista. *“Foi uma honra ter Pierre Furter como orientador da minha tese de doutorado e gozar dos seus ensinamentos em Genebra durante seis anos: quatro anos de pesquisa e elaboração da tese e dois anos como professor convidado da Universidade de Genebra”*. No primeiro momento, conviveram entre 1982 e 1986; no segundo, uma década depois. Deste lado do Atlântico, também estiveram juntos, lado a lado. Entre saudosas lembranças e tantos aprendizados, Mesquida faz uma ressalva ao mestre: *“ele não ter me ensinado a ser um crítico como ele. A análise crítica era inquestionável e surpreendente em Furter”*.

Uma década antes, o pedagogo e filósofo Moacir Gadotti, atualmente presidente de honra do Instituto Paulo Freire, estudou na mesma universidade. Investigou educação permanente, em diálogo com Paulo Freire e em sintonia com seus mestres e professores, Claude Pantillon e Pierre Furter. Em resposta à pauta por mim a ele dirigida, professor Gadotti destacou a contribuição particular e significativa dos três professores ao tema educação comparada – condição registrada no livro *História das Ideias Pedagógicas*

¹ Jornalista (Cáser Líbero), especialista em Marketing (UFPR) e História do Brasil (FIES). Mestra em Educação (UFPR); 24 de dezembro de 2021

(2003). Por limitações de tempo para entrevistas e espaço suficiente para publicá-las, neste texto, as narrativas e percepções sobre Pierre Furter estabeleceram-se nas palavras escritas de Moacir Gadotti, por meio de perguntas respondidas por e-mail, e na voz de Peri Mesquida, durante entrevista realizada por videochamada.

Primeira impressão

Em 1982, Pierre Furter recebeu Peri Mesquida com aceite provisório de orientação de tese. *“Minha primeira impressão de Furter não foi muito boa. Ele era meio genioso”*. Era preciso escolher cuidadosamente o momento para e como falar com ele. Para o êxito na conversa, uma tática: observá-lo pelo vidro da porta. Se Furter não estivesse com “a cara muito boa”, o aluno dizia ter compromisso na biblioteca, pedia licença e se retirava. *“E ele nem respondia”*.

Ao conhecer detalhes da pesquisa de Mesquida, lançou assertivamente a devolutiva: *“Por enquanto, você não é doutorando”*. Embora muito bom o projeto, Furter indicou adaptação. Indagado sobre a possibilidade de mudança, o “futuro” doutorando concordou. Após a reapresentação do trabalho, a confirmação veio com um aperto de mãos: *“agora você é doutorando”*.

A pesquisa prosperou para ambos. *“Ele conseguiu a bolsa para eu fazer a pesquisa, inclusive para eu viajar para a Inglaterra, Estados Unidos e Brasil”*. No quarto e último ano da pesquisa, os contatos mais regulares e os preciosos diálogos diluíram completamente, caso ainda existisse, o amargo da primeira impressão. Por questões de saúde, Furter recebia Mesquida em casa. *“Foi muito, muito, muito legal. Ele contou histórias extraordinárias dele no Brasil e coisas da vida pessoal”*.

Sobre as contribuições do mestre à construção do conhecimento, Mesquida elogia a abordagem pluridimensional, alcançando elementos da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Economia, Política, Educação, entre outros campos em que demonstra sólida sustentação argumentativa. *“Na medida em que nós conversávamos, e até nas aulas que tive com ele, a gente tinha a percepção do aprofundamento dos temas com os quais trabalhava como, por exemplo, Educação Comparada”*.

Sua abrangente visão de mundo distanciava-se da eurocêntrica. Há 40 anos ele já falava sobre o processo de descolonização da América Latina e da África com *“uma visão extremamente profunda e capacidade de crítica aos colonizadores muito acentuada”*. Diferentemente da maioria dos estudiosos, o educador suíço edificou suas análises, reflexões e práticas a partir do que viu e viveu em territórios colonizados (ou,

mais precisamente, ocupados). Os seis anos no Brasil e Venezuela serviram como laboratório.

Professor, mestre e amigo

A escolha da cosmopolita Genebra por Gadotti contou com elementos expressivos. *“Era o lugar onde estava exilado Paulo Freire e o lugar de nascimento de Jean-Jacques Rousseau”*. Gadotti se deslocou também para conhecer o autor da obra *“Educação e Vida: uma contribuição à definição da educação permanente”*, publicado pela Editora Vozes (1968). Então, o doutor em Letras pela Universidade de Neuchatel (1965) passou a ser mais que uma referência bibliográfica. Transformou-se em professor e amigo. *“Ele acompanhou de perto o desenvolvimento do meu trabalho, contribuindo com preciosas críticas e comentários. Foram muitos os encontros em que discutíamos a situação política brasileira”*.

Na década de 1970, o Brasil vivia sob a ditadura militar (1964-1985). *“Estávamos passando por profundas mudanças, entre elas a crescente internacionalização da educação. Um novo pacto educativo global estava se consolidando, como resposta ao movimento estudantil dos anos 60, sob a égide da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e do Banco Mundial, numa tentativa de homogeneização da educação”*. Portanto, o insumo geopolítico soma-se aos motivos de Gadotti: Genebra era a sede do Bureau Internacional da Educação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Em carta de 06 de dezembro de 1975, o mestre se manifesta sobre a leitura da primeira versão da tese, ainda inacabada, de Gadotti, apresentando *“sugestões e críticas muito pertinentes, demonstrando sua enorme atenção dada ao trabalho de seus alunos. Pierre era muito cuidadoso e respeitoso, sem deixar de ser crítico, com a produção intelectual de seus alunos. Por isso mesmo também ele era reconhecido como um excelente professor”*.

Observando os títulos das teses e os nomes dos pesquisadores por ele orientados, percebe-se que metade tem relação estabelecida com a América Latina. Seu currículo menciona o brasileiro Joaquim de Arruda Falcão Neto e outros latinoamericanos de países como Costa Rica, Colômbia, Venezuela e Equador. *“Ele recebia estudantes de diferentes partes do mundo, possibilitando a todos nós um rico intercâmbio de ideias, experiências e culturas”*, diz o pedagogo Moacir Gadotti, que além do educador suíço,

teve o próprio Freire compondo a banca de avaliação sua tese *A educação contra a educação: o esquecimento da educação e a educação permanente*.

Embora tenha sido há 44 anos, a apresentação do trabalho permanece viva na memória do doutor em Ciências da Educação e está registrada em fotografia (veja no final). O momento foi revisitado pelos amigos em meados da década de 1990. “Fui visitá-lo em Genebra, não lembro a data. Tomamos um café na universidade e relembramos dos tempos que passamos juntos entre 1973 e 1977, inclusive do dia de defesa de minha tese”.

Quanto à avaliação da tese, Gadotti disse: “como Paulo, ele (Furter) também achava que minha crítica ao discurso e à prática Educação Permanente era ‘excessiva’. O que mais me atraía em Furter era sua defesa intransigente do pensamento utópico, de Ernst Bloch (...)”. Defendia que “o pensamento utópico não é um mero devaneio, pois ele se fundamenta na reflexão e no estudo. Sem utopia, sem projeto, não há pedagogia. O ‘princípio esperança’ (Bloch) é a escola de uma existência vivida em função do futuro. É o princípio instituinte do futuro humano. Para ele, a utopia é uma forma de ação e não uma mera interpretação da realidade”.

O filósofo alemão Ernst Bloch publicou *Princípio da Esperança*. A partir dessa referência, após a decepção com o desabamento do projeto freiriano de alfabetização de jovens e adultos imposto pela ditadura militar, o educador suíço produziu *Dialética da Esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernest Bloch*, publicado pela Editora Paz & Terra, em 1974. “(Bloch) é o único autor que eu não percebi na crítica de Furter e as críticas de Pierre Furter são verdadeiramente impressionantes”, avaliou Mesquida.

Neste ponto, faz-se necessário abrir um parêntese para jogar luz e (talvez) suscitar reflexão sobre uma consideração do professor da PUCPR que analisou com outras lentes os elementos “esperança” e “utopia” nas obras de Paulo Freire a partir da publicação de *Pedagogia do Oprimido* (1968). “Os estudiosos de Freire atribuem isso a uma influência de Ernst Bloch. Não. Influência do pensamento de Pierre Furter”. Mesquida argumenta que a inclusão desses termos acontece a partir de conversas entre Freire e Furter e de leituras das obras *Dialética da Esperança* e *América Utópica*, sendo “essa última aprofundada e publicada com o título de *Mundos Sonhados*, dedicado à sua esposa, a venezuelana *Esperanza*”. Maria-Esperanza Ruesta de Furter, segunda esposa de Furter, falecida antes dele.

Concebida como resposta aos tempos de ditadura militar, *Dialética da Esperança* teve como alvo a juventude brasileira “para despertar nos jovens a visão de um futuro melhor para construir, em um mundo mais humano, mais justo e mais unido”, conforme cita o artigo *A la memoire du Professeur Pierre Furter, professeur honoraire de l'Université de Genève*, escrito por sete colegas ou ex-alunos (entre eles, Peri Mesquida) e publicado na revista *L'éducation en débats: analyse comparée*, da Universidade de Genebra. Desta maneira, o professor de notável capacidade de memória, tornou-se memória em reconhecimento à marca intelectual impressa na trajetória dessas pessoas.

Aos pós-graduandos não diretamente vinculados a si, também dedicou tempo e atenção compartilhando ideias, críticas, questionamentos e análises. Durante o desenvolvimento da tese em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Juliano Peroza participou de intercâmbio em Genebra. Vislumbrava chegar a Pierre Furter para ampliar os horizontes da investigação. E conseguiu! O educador suíço o recebeu em seu apartamento, em 15 de maio de 2012. O encontro transformou-se no artigo *Entrevista com o educador suíço Pierre Furter*, publicado no periódico *Educação & Linguagem*, da Universidade Metodista de São Paulo, edição de julho-dezembro de 2020.

Na dissertação *O elemento utópico no pensamento de Pierre Furter*, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Yvone Soares dos Santos Greis o agradeceu “pela humildade intelectual, disponibilidade e interesse que manifestou pelo trabalho”. Em 30 de outubro de 1995, após quatorze horas de deslocamento entre Suíça e Brasil, ele a atendeu para uma entrevista de três horas. Em 4 de novembro, Furter esteve no Congresso *Comunicação e Educação: repensando para a Cidadania*, realizado pela Associação Brasileira de Tecnologia (ABT), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Essa teria sido sua última viagem ao Brasil.

Furter no Brasil

O professor chegou ao Brasil após aceitar um convite do Itamaraty. Isso teria sido em 1962. Na entrevista a Yvone Soares dos Santos Greis, Furter revela que a viagem foi articulada pelo cônsul brasileiro na cidade de Zurique, Meira Pena, para que aprimorasse o sotaque português durante a convivência com brasileiros. Isso contribuiria com as aulas na *Ecole des Interprètes*, em Zurique, onde Furter lecionava o idioma desde 1958.

Nesta primeira vez, permaneceu na terra de pau-brasil por seis meses, sendo os quatro primeiros na região Nordeste, encantado pela teoria e prática do bacharel em Direito e educador Paulo Freire, com quem estabeleceu uma estreita relação de amizade. O suíço acompanhou as atividades do brasileiro com a alfabetização de jovens e adultos nas cidades de Recife e Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco. Em janeiro de 1963, esteve no município de Angicos, no Rio Grande do Norte (RN), durante a ação inovadora que alfabetizou 280 pessoas, em 40 horas.

A partir dos resultados iniciais, a práxis realizada em Angicos ganhou espaço em rincões de analfabetos, Brasil afora, como parte do projeto-piloto do Programa Nacional de Alfabetização. Ao lado de Jarbas Maciel, Jomar Muniz de Britto, Aurenice Cardoso e do próprio Freire, Pierre Furter registrou suas impressões sobre o novo método de alfabetização de jovens e adultos. À Revista Estudos Universitários, da Universidade do Recife, ele escreveu o ensaio *Alfabetização e cultura popular na politização do nordeste brasileiro* (entre os achados na web, nenhum trouxe a edição 4 da revista na íntegra; portanto, não tive acesso ao texto de Furter). No marco de 50 anos da experiência, Moacir Gadotti registrou: “*Angicos não é apenas um símbolo da luta contra o analfabetismo no Brasil; é um marco em favor da universalização da educação em todos os graus, superando a visão elitista*”. O texto consta na Revista de Informação do Semiárido (RISA), edição especial de janeiro-junho de 2013.

Na mesma época, observou o Movimento de Cultura Popular – iniciativa que contou com o apoio de artistas e intelectuais e teve fortalecimento, sobretudo, após a eleição de Miguel Arraes como governador pernambucano. O desejo de acompanhar *in loco* a continuidade da experiência pedagógica freiriana que inspiraria gerações de educadores do Brasil e do mundo, seguido pelo interesse cultural, foram combustível para Furter abrir mão do emprego como professor, em Zurique, e mudar para o Recife com a primeira esposa e dois filhos. Chegou em 1º de janeiro de 1964 “*como um responsável da avaliação de Paulo Freire*”, conforme dito à Yvone Soares dos Santos Greis. Embora desprovida de mais detalhes, a entrevista indica uma escolha sem vínculos com entidades ou instituições, “*sob uma base absolutamente pessoal e inclusive por uma razão muito simples: na Suíça, ninguém se interessava pelo Brasil*”.

Furter não apenas se interessava pelo cenário brasileiro como também falava português, condição provavelmente decisiva ao ser designado como perito da Unesco, no ano seguinte. “*Com sua curiosidade intelectual, seu profundo conhecimento de teorias e práticas educacionais e sua paixão pelo Brasil e pela América Latina, a*

trajetória de Pierre Furter cruzou a de Paulo Freire com importantes influências mútuas”, registra a homenagem A la memoire du Professeur Pierre Furter, professeur honoraire de l’Université de Genève.

A expectativa de ver acontecer genuinamente um projeto político-pedagógico de alfabetização com conscientização popular e protagonismo do educando começou a derreter na madrugada de 1º de abril de 1964. Isso nada teve com o calor nordestino. As altas temperaturas do cenário político levaram ao golpe militar que destituiu o presidente João Goulart. A agenda do governo Jango (1961-1964) previa as chamadas Reformas de Base, conjunto de ações estruturais voltadas à reforma agrária, tributária e educacional, entre outras.

Passados quatorze dias do golpe, extinguiu-se o Programa Nacional de Educação. Acusado de “subversivo e ignorante”, Paulo Reglus Neves Freire permaneceu preso por setenta dias na cidade de Olinda, a dez quilômetros de Recife. Com ditaduras, alguma experiência tinha Furter porque morou em Portugal por três anos, no governo Salazar. Ainda assim, na entrevista mencionada acima, Furter referiu-se ao golpe de 1964 como “*uma decepção dramática. Mas um período de total desarticulação. A gente estava perdido. Não sabia o que fazer, o que pensar, enfim. O céu caiu!*”. Após a tomada do poder pelos militares, da capital pernambucana voou para a capital fluminense e retornou para a Suíça.

No mesmo ano, o país de Freire o recebeu novamente. Desta vez, como perito contratado pela Unesco para a América Latina. Com a censura e a perseguição política instituídas, morar em Recife acentuaria a exposição ao exército. Então, atuou entre Rio de Janeiro e São Paulo, tendo como local de trabalho um centro de pesquisas da Universidade de São Paulo (USP). Na época, conheceu Fernando Henrique Cardoso – que se tornaria presidente do Brasil (1995-2003) – e o também sociólogo da USP, Otávio Ianni, além de diversas pessoas ligadas à educação, sociologia, cultura – todas monitoradas pelos radares da repressão.

Em substituição ao Programa de Alfabetização, o governo militar criou o Movimento Brasileiro de Educação (Mobral). Esperançando, Michel Debrun e Dumerval Trigueiro Mendes tentaram desenvolver projetos alternativos ao formato de alfabetização do Mobral para manter viva a educação libertadora. Sem êxito. Furter decidiu, então, que não fazia mais sentido permanecer no Brasil. O vínculo com a Unesco para assuntos da América Latina lhe permitiu prestar assessoria pedagógica na

Venezuela. Após seis anos entre os dois países, no início da década de 1970, regressou à Suíça. Sua história no Brasil não termina aí. Felizmente!

Outras viagens

Entre 1962 e 1968, Pierre Furter participou como professor convidado de conferências, seminários e cursos sobre educação, política da juventude e literatura nas Universidades Federais de Pernambuco, Paraíba, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina (1962-1968). Também ministrou aulas em cursos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e Unesco (1964-1965), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Instituto Superior de Educação e Economia-Fundação Getúlio Vargas (Isae-FGV) (1974-1980). As capitais Curitiba e Recife foram seus destinos em 1978 e 1982, respectivamente, como professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), em Pernambuco.

Além da práxis educativa e do interesse pelos movimentos políticos, sociais e culturais, Furter teria outros motivos para estar no Brasil. Em 1991, Mesquida o convidou para aulas na Universidade Federal de Juiz de Fora. Furter, que andava decepcionado com os rumos do Brasil sob a presidência de Fernando Collor de Mello (1990-1992), só aceitou em consideração ao anfitrião e ex-aluno, a quem denominou amigo e excelente doutor.

Para vê-lo e ouvi-lo de perto, pessoas de diferentes cidades venceram demasiados quilômetros em direção à Zona da Mata mineira. Na mesma viagem, que teria se estendido por “uns vinte dias”, esteve no município histórico de São João Del Rey para um curso. *“Quando nós chegamos lá, tava um grupo de umas vinte mulheres. Você não imagina. Parecia que estava chegando uma estrela de cinema (...). Muitas mulheres choraram de ver o Pierre Furter lá”*. O homem alto, elegante, inspirador de ideias e inspirado pela diversidade cultural do Brasil, utilizava bem seus atributos para posicionar-se de maneira atraente.

Após esse período em Minas Gerais, Mesquida e Furter ainda conviveram na Universidade de Genebra, onde o brasileiro atuou como convidado entre 1992 e 1994. O último aperto de mãos aconteceu em 2015. Seu ex-aluno estava como professor na cidade de Friburgo e, naquele dia, caminhava por Genebra quando encontrou Furter passeando com o cachorrinho e lhe disse: *“Como é que é, você se lembra de mim?”*. Identificando alguma familiaridade, o mestre lançou a si próprio um caminho:

“brasileiro, pela fala”. Mesquida insistiu: “*Você não se lembra de mim?*” E, então, o nome de Peri foi dito de maneira tão assertiva quanto a frase de 33 anos antes: “*Por enquanto, você não é doutorando*”. Assim, a casa de Furter tornou-se testemunha da derradeira conversa pessoalmente entre os amigos. “*Foi a última vez. Depois, não vi mais o Furter*”.

Oxênte, Furter!

Mesquida destaca uma curiosidade na comunicação oral: “*o português dele era uma mistura do português, de Portugal, com o português nordestino*”. Já imaginou um “*oxênte*”, com sotaque lisboeta e pronúncia francesa? Não seria surpreendente ouvi-lo dizer tal regionalismo quando estivesse admirado com algo no Brasil. O vocábulo “*oxênte*” faz parte da região Nordeste e é uma expressão popular conhecida de norte a sul, uma espécie de “patrimônio linguístico” dos nordestinos.

O interesse de Furter pela língua portuguesa teria iniciado na década de 1950. Mesquida tem duas hipóteses. Uma é que Furter teria sido motivado a estudar português pelo amigo Jean Ziegler, sociólogo suíço que esteve como professor na Universidade de Genebra e também na Universidade de São Paulo (USP). A outra se deve a apoio a movimentos migratórios. Em busca de trabalhos sazonais, portugueses se deslocavam para a francófona Genebra, além de Zurique e Berna, com predominância do alemão. “*No início, eles tinham muita dificuldade em comunicação*”.

Em 1957, Furter concluiu o curso superior de Estudos Portugueses, na Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa. No ano seguinte, implantou o primeiro curso de português em Zurique. Na mesma cidade, na *Ecole des Interprètes*, esteve como professor de literatura brasileira, entre 1960 e 1962, e de português, entre 1960 e 1963, quando se demitiu para imigrar ao Brasil.

Além da língua materna, o currículo mostra quatro idiomas: português, espanhol, inglês e alemão. Se o critério para posicioná-los nesta ordem foi o domínio ou o grau de importância da língua na vida pessoal, pode-se acreditar que o francófono considerava o português seu segundo idioma.

Embora mais distantes geograficamente da Suíça do que Espanha, Reino Unido e Alemanha, os lusófonos Portugal e Brasil deram sustentação para sua fluência na língua portuguesa aprendida e vivenciada nas culturais locais. O país dos heróis do mar ofereceu a formação acadêmica. E o país gigante pela própria natureza, a práxis na educação.

Furter e Freire na Suíça

Furter tinha deixado a Venezuela em 1969 e regressado à Suíça. Paulo Freire viveu em exílio na Bolívia e Chile, onde escreveu *Pedagogia do Oprimido* (1968) – livro que só seria publicado no Brasil em 1974. Da América do Sul foi para a Suíça onde permaneceu na condição de consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas entre 1970 e 1980. “*Pierre Furter era provavelmente uma das razões da chegada de Freire ao Conselho Ecumênico de Igrejas, em Genebra*”, estabelece o documento em sua memória citado anteriormente. Freire esteve ainda como professor convidado do Instituto Universitário de Desenvolvimento, ligado à Universidade de Genebra, onde Furter trabalhava.

Mesquida, que se autodenomina freiriano e pesquisa o educador há alguns anos, classificou como muito boa a relação de amizade e convivência entre Furter e Freire. “*E depois eles romperam a amizade*”. Mesquida desconhece o motivo; supõe terem sido “os altos e baixos de Furter” – ou seja, a mudança de humor. Na biblioteca do Conselho Mundial de Igrejas, no espaço reservado ao arquivo Paulo Freire, encontrou uma carta em que Furter questionava o amigo brasileiro da seguinte maneira: “*Caro Paulo, convidei você para o Instituto Universitário de Desenvolvimento e você não respondeu ao convite. Afinal de contas, por que convidei você para vir para Genebra se você não para em Genebra?*”. O tom assertivo de Furter deve-se ao fato de que Freire viajava com frequência para levar consultoria educacional a governos de países pobres, especialmente da África. Freire identificara limitações para desenvolver projetos unicamente sob o teto do Conselho de Igrejas.

O professor Moacir Gadotti nada mencionou sobre esse ou outros fatos. Ao contrário, frisou a agenda da dupla de educadores. “*Em Genebra acompanhei de perto a agenda intensíssima de ambos, viajando mundo afora. Ambos voltavam sempre com novos relatos pessoais de uma experiência vivida em tempos de muita efervescência política. E nós éramos muito beneficiados por esses relatos pessoais*”.

Possíveis ruídos entre personalidades devem ter sido contornados pelos dois amigos defensores da práxis na educação e que nutriam mútua admiração entre si. O episódio parece não ter evoluído para graves efeitos. Pelo menos, para Furter. Caso contrário, provavelmente teria se eximido da emocionante contribuição, por meio do texto *Desafio nos Trópicos*, para integrar a publicação *Paulo Freire, uma biobliografia* (1996). Dividido em três partes – *Encontro, Desencontro e Reencontros*, o relato, na

versão enviada à publicação, traz escrito à mão: “*com um abraço do seu sempre amigo, Pierre Furter*”. A parte *Reencontros* revela a continuidade da caminhada:

“Neste mundo de caminhante, as veredas precárias do exílio cruzam muitas vezes os atalhos de uma reflexão peregrina. Mas a vadiagem dos vencidos não acaba necessariamente com a sua esperança que pode ser transmutada pelo ácido do desespero encontrando novas dimensões dentro de contextos até agora desconhecidos. Assim se passou da sedução da fala ao trabalho árduo da escrita. E verdade que o núcleo gerador foi muitas vezes reinterpretado através de inúmeras traduções nem sempre fieis – mas tão pouco os filhos são totalmente parecidos com os pais – felizmente! Nesta ampliação e multiplicação de poucos princípios nos quais fundimo-nos num Recife, hoje tão remoto para cada um de nós; na malha frouxa mas real de nossos intercâmbios pouco frequentes mas ainda intensos, continuamos a caminhar para aprender que a nossa condição nos impõe (se) sacrificar para seguir esperando juntos”. Aqui um novo parêntese: a versão original, assinada por Furter, trazia alguns desacordos ortográficos de língua portuguesa. Eles foram ajustados na revisão, antes da publicação. As duas versões terminam com “esperando juntos” mas, talvez, o verbo fosse “esperançar”.

Paulo Freire faleceu no ano seguinte, em 2 de maio de 1997. Despediu-se da vida aos 75 anos, em decorrência de parada cardíaca. Estava em São Paulo. Pierre Furter faleceu por complicações de covid-19, dezenove dias após a declaração de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Despediu-se da vida aos 88 anos, em Genebra, no dia 30 de março de 2020, numa primavera do Hemisfério Norte.

Sigamos! Esperançando em todas as primaveras. E todas as estações do ano.

Agradecimentos

Ana Lúcia Langner (doutoranda, PPGE-UFPR), Angela Biz Antunes (diretora pedagógica, Instituto Paulo Freire), Araci Asinelli da Luz (professora, PPGE-UFPR), Evelcy Monteiro Machado (professora aposentada, PPGE-UFPR), Moacir Gadotti (professor aposentado, Faculdade de Educação da USP-FEUSP e presidente de honra Instituto Paulo Freire), Mario Vichè González (professor, Universidade de Valência-Espanha) e Peri Mesquida (professor, PUCPR).

Bibliografia

Sobre Pierre Furter:

AKKARI, Abdeljalil *et al.* A la memoire du Professeur Pierre Furter, professeur honoraire de l'Université de Genève. L'éducation en débats: analyse comparée, 2020, vol. 10, n. 1, p. 1-2.

Currículo de Pierre Furter (1999)

FURTER, Pierre. Desafio nos Trópicos, p. 180-182. In: GADOTTI, Moacir (org.). Paulo Freire: uma bibliografia. São Paulo: Cortez, 1996. Disponível em http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf

Entrevistas com Pierre Furter:

GREIS, Yvone Soares dos Santos. O elemento utópico no pensamento de Pierre Furter. 1996. 122 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_7a86674c13b09fc0d88dba86900f15cd

PEROZA, Juliano. Entrevista com o educador suíço Pierre Furter. Educação & Linguagem, v. 23, n. 2, p. 269-298. Disponível em

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/10837/7428>

Sobre Paulo Freire:

- GADOTTI, Moacir. Alfabetizar e Politizar. Angicos, 50 anos depois. Foro de Educación, v. 12, n. 16, p. 51-70, 2014.

- GADOTTI, Moacir. História das ideias pedagógicas. São Paulo: Editora Ática, 2003.

- 100 anos de Paulo Freire: esperar em tempo de barbárie - Curso on-line pelo Canal da Rede Emancipa no YouTube. Aulas gravadas disponíveis em: <https://emancipapaulofreire.wordpress.com/programa/>

Sites:

- <https://www.paulofreire.org/fundadores>

- <https://www.paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire/>

- <http://angicos50anos.paulofreire.org/cronologia/>

- <http://angicos50anos.paulofreire.org/a-experiencia/>

- <https://memoriasdaditadura.org.br/>

- <https://www.brasildefato.com.br/2020/11/14/como-paulo-freire-contribuiu-para-a-queda-do-apartheid-na-afrika-do-sul>